

## ***Escrevivências e decolonialidade no poema O colono e o fazendeiro, de Carolina Maria de Jesus***

Maxswell Brito Oliveira<sup>1</sup>

### **Introdução**

Partindo-se da ideia de Conceição Evaristo (2020) e Grada Kilomba (2019), as quais afirmam que escrever é um ato político e, no contexto do negro, serve para a desconstrução do pensamento colonial, a escrita de Carolina Maria de Jesus reveste-se de relevante caráter sócio-político, por romper com ideais que subjugam e subalternizam o negro.

É nesse cenário que a poesia de Carolina de Jesus, exemplar de escrevivência, resgata aspectos importantes sobre a forma como negro é tratado dentro de uma sociedade desigual. Nesse sentido, objetiva-se, como o presente estudo, propor uma análise do poema *O colono e o fazendeiro*, na versão publicada em *Antologia Pessoal* (1996), sob a perspectiva do próprio negro e do modo como é posicionado marginalmente dentro da sociedade.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, trazendo conceitos de escrevivência, por Conceição Evaristo (2020), além de aspectos da vida e obra de Carolina Maria de Jesus, por meio de seus biógrafos Castro e Machado (2007) e Farias (2019). Levou-se em consideração ainda as teorias formuladas por Grada Kilomba (2019) e Abdias Nascimento (2019), de modo a posicionar socialmente a escrita de Carolina de Jesus, buscando demonstrar a sua importância e relevância para o presente estudo, não somente no âmbito social, mas também no literário, conforme será visto a seguir.

### **A escrita de Carolina Maria de Jesus**

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma poetisa brasileira que ganhou grande destaque em 1960 com a publicação de seu famoso diário, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Apesar da grande repercussão da citada obra, Carolina de Jesus estava muito além de seus diários, tendo escrito ainda prosa e, principalmente, poesia.

Nascida em Sacramento-MG, a escritora mudou-se para São Paulo quando tinha cerca de vinte anos de idade, e, nessa época, já demonstrava bastante inclinação ao mundo da escrita. Segundo as biógrafas Castro e Machado (2007, p. 29), “foi no início de 1940, talvez

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: maxswellbrito@gmail.com.

um pouco antes, que lhe veio enorme desejo de escrever o que lhe jorrava na mente, sobretudo quando era tomada pela fome [...]. Ao escrevê-los, sua mente se acalmava”.

Carolina de Jesus produziu uma grande quantidade de escritos, mas pouco de sua vasta obra foi oficialmente publicada. O sucesso atingido por *Quarto de despejo* não voltou a se repetir em suas publicações posteriores, seja em *Casa de Alvenaria*, o qual seguiu o mesmo estilo do anterior, sendo um relato autobiográfico em forma de diário, ou em livros de poesias e afins, como a obra *Provérbios*, que Carolina mesmo patrocinou, mas que possuiu uma vendagem longe de satisfatória.

Apesar disso, é inegável a riqueza da obra da poetisa, a qual se utilizou de suas vivências e experiências de vida para escrever uma obra singular, que revela um país pautado na desigualdade social, não que Carolina estivesse limitada a esta temática. Sua produção poética aborda questões como saudades, maternidade, lembranças da infância, fortemente influenciada pela estética romântica, já que teve um forte contato com obras como *Primavera*, de Casimiro de Abreu, e *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

Apesar de influenciada por escritores românticos, Carolina de Jesus desenvolveu uma estética própria, por meio da qual faz uso de suas lembranças e vivências para construir um texto que proporciona reflexão ao leitor. Conceição Evaristo (2020), influente escritora contemporânea, nomeia essa prática de escrita adotada por Carolina como “escrevivência”, que, para Evaristo, consiste em uma escrita produzida por mulheres negras, pautada em suas vidas, contemplando elementos de ancestralidade, oralidade e coletividade, cujo objetivo é romper com o passado colonial onde as mulheres negras tiveram suas vozes suprimidas. Ao observar a obra de Carolina não é difícil encontrar tais elementos, como será demonstrado de forma mais clara no presente estudo.

Evaristo (2020, p. 34) afirma que “escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas”. Nesse sentido, as experiências de vida desagradáveis que Carolina de Jesus enfrentou serviram de combustível para a criação de sua produção textual. O desconforto e o sentimento de injustiça deram origem a textos permeados por denúncias sociais, como é o caso do poema discutido neste trabalho, *O colono e o fazendeiro*.

O texto de Carolina de Jesus destaca-se no cenário da denúncia social pelo fato de ter sido produzido com base em suas experiências de vida. Em *O colono e o fazendeiro*, por exemplo, é possível notar nuances autobiográficas em sua construção, que remontam ao período em que a própria Carolina e sua família viveram como colonos. Portanto, a forma

como a poetisa denuncia a situação do negro nada mais é do que um relato de cunho pessoal, transpassado pela dor da discriminação e da desigualdade.

Apesar disso, Carolina de Jesus se utiliza da escrita para romper com o cerco em que vivia. Com isso, não somente promoveu mudança social para si e sua família, como também tornou-se porta-voz de grupos marginalizados, inaugurando “uma tradição de escrevivências negras femininas” (Ferreira, 2022, p. 23), pois, “escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe sua autoinscrição no interior do mundo” (Evaristo, 2020, p. 35). Ao escrever e ser lida, Carolina de Jesus tornou-se referência para o antirracismo, que busca desvencilhar a imagem do negro aos estereótipos construídos ao longo de séculos de opressão e dominação provenientes do período colonial e da escravização dos negros.

Conceição Evaristo (2020, p. 41) afirma que: “a escrita não é inocente, tem um propósito político em seu sentido mais amplo”, pensamento que coaduna com o de Grada Kilomba (2019, p. 28), que destaca: “escrever, portanto, emerge como um ato político”, permitindo a desconstrução de um pensamento colonial, pois, à medida que, por meio da escrita, o negro apropria-se de sua história e constitui-se como narrador da própria realidade, torna-se também “a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (Kilomba, 2019, p. 28).

Desse modo, ao denunciar a situação do negro, Carolina de Jesus apropria-se da escrita a fim de desconstruir um pensamento colonial predeterminado, onde o negro é tratado como um objeto sem valor. Ademais, Carolina objetiva, através da sua escrita, reconstruir uma identidade negra, ao utilizar recursos que trazem ao seu texto aspectos de ancestralidade e oralidade. Por tudo já demonstrado, passar-se-á para a análise do poema *O colono e o fazendeiro*.

### ***O colono e o fazendeiro e o negro***

Ao fazer uma comparação da vida de Carolina com o conteúdo de *O colono e o fazendeiro*, é possível perceber que a poetisa utiliza-se de suas experiências de vida para abordar a forma como o colono - e aqui leia-se “negro” - era e é tratado pelo fazendeiro - aqui leia-se “branco”. Para compreender melhor esse exemplar de escrevivência, é necessário retomar a história de vida de sua escritora.

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914, em Sacramento-MG. Foi criada por sua mãe e seu avô materno, o qual era descendente direto de africanos que foram escravizados. Sendo

negra no início do século XX, pontua-se que a vida da escritora e de seus familiares não foi fácil. Contudo, Carolina já se apresentava de modo diferente, “desde criança, a menina já demonstrava uma inteligência fora do comum” (Farias, 2018, p. 37).

Diante disso e orientada pela patroa, Cota, mãe de Carolina de Jesus, a matriculou na escola Allan Kardec, um fato que influenciou sobremaneira a vida da escritora. Segundo Ferreira (2022, p. 44), “o acesso à escola foi um privilégio em uma época na qual a educação formal era para poucos, e nesses ‘poucos’ não estavam incluídas as crianças negras”. Apesar das dificuldades encontradas, a obstinação de Carolina de Jesus rendeu-lhe o acesso ao mundo da leitura e da escrita, que lhe acompanharia até o fim da vida.

Apesar de parecer se destacar nos estudos, segundo Farias (2018, p. 55), “Carolina deixou o colégio Allan Kardec por volta de 1923 [...], com nove anos de idade, muito contrariada com a decisão da mãe”, já que esta enfrentava dificuldades financeiras e, junto de seu companheiro, padrasto de Carolina, optaram por irem trabalhar em uma fazenda em Uberaba, tornando-se colonos para o senhor Olímpio Rodrigues de Araújo (Farias, 2018).

Não coincidentemente, o poema *O colono e o fazendeiro* expõe a dura vida de um trabalhador rural em uma fazenda. Tal poema, acredita-se, tenha sido escrito na adolescência de Carolina de Jesus, logo após o seu curto período de trabalho junto à fazenda. Não somente isso, mas todas as demais agruras que Carolina, seus familiares e demais colonos passaram na fazenda são relatadas no poema.

No penúltimo conjunto de versos que formam o poema, Carolina de Jesus parece resgatar o trauma de ter saído da escola para ter que trabalhar. A poetisa declara: “O colono quer estudar/Admira a sapiência do patrão/Mas é um escravo, tem que estacionar/não pode dar margem à vocação” (Jesus, 1996, p. 149). O trecho faz uma clara denúncia do modo como é negado direitos básicos ao negro, como o estudo. Há que se destacar que a Constituição Federal de 1824, previa educação primária gratuita a todos os cidadãos, excluindo, contudo, os escravizados, apesar de ser permitido que estes frequentassem as instituições de ensino.

A narrativa presente no poema de Carolina Maria de Jesus pode ser dividido em duas partes, na primeira a autora vai fazer uma denúncia acerca da situação da exploração do negro, apesar de abolida a escravatura. Nesse sentido, a poetisa aborda questões como jornada de trabalho exaustiva, ausência de remuneração digna e condizente ao trabalho realizado, alimentação precária e a proibição de direito à moradia. Na segunda parte do poema, Carolina de Jesus aborda as consequências da desigualdade social e segregação racial, destacando, por exemplo, o impedimento do colono em estudar e possuir bens.

Enquanto constrói o texto permeado de denúncias sociais, Carolina de Jesus rememora fatos de sua própria vida e, através de suas experiências, apropria-se de um lugar de fala que lhe garante ser a porta-voz de grupos marginalizados, notadamente pessoas negras e pobres.

Segundo Amanda Crispim Ferreira (2022, p. 131), a escrita de Carolina assemelha-se a de Luiz Gama, ao utilizar-se “do recurso da ironia, da astúcia e da metáfora para refletir sobre um tema espinhoso na sociedade e na Literatura Brasileira: as relações raciais no Brasil” e é nesse sentido que a poetisa inicia o seu poema com uma reflexão incômoda: “Diz o brasileiro/Que acabou a escravidão/Mas o colono sua o ano inteiro/E nunca tem um tostão” (Jesus, 1996, p. 147).

Apesar de formalmente abolida, Carolina de Jesus demonstra que a escravização do negro continua como uma prática rotineira, uma vez que a forma como o colono é explorado pelo fazendeiro assemelha-se ao processo de exploração e opressão do negro em vigor no período colonial, e que se estendeu até 1888. Do mesmo modo que o escravizado não possuía direito de ser remunerado pelo trabalho, na situação entre o colono e o fazendeiro, o trabalhador também não possui uma remuneração digna, suficiente e adequada ao seu trabalho. Este cenário é explicado por Kilomba (2019, p. 158), ao afirmar que “toda performance do racismo cotidiano pode ser vista como uma reatualização da história. [...] Experimenta-se o presente como se estivesse no passado”.

Nos versos “Fazendeiro ao fim do mês/Dá um vale de cem mil réis/Artigo de custa seis/Vende ao colono por dez” (Jesus, 1996, p. 148) a poetisa volta a tratar da incoerência na remuneração do colono, o qual vive subjugado ao fazendeiro, que superfatura os itens de necessidade básica que são vendidos aos colonos. Tal prática era bastante comum na época em que o poema foi escrito. Mesmo com o advento das normas trabalhistas na década de 40, ainda há registro nos tempos atuais dessa prática abusiva promovida por grandes donos de terra para com os seus trabalhadores, configurando uma relação de opressão e subalternização.

Exaustivamente explorado pelo fazendeiro, o colono representa ao seu explorador apenas um instrumento através do qual pode enriquecer, o que rememora um passado colonial, já que, conforme ensina Nascimento (2019), a escravização do negro tinha o intuito meramente econômico. Carolina de Jesus denuncia “[o colono] Enriquece o fazendeiro/E termina na pobreza” (Jesus, 1996, p. 148). Isso se dá por meio de uma jornada de trabalho exaustiva somada à ausência de remuneração adequada.

Com base em suas lembranças, Carolina Maria de Jesus (1996, p. 147) relata que “Cinco da madrugada/Toca o fiscal a corneta/Despertando o camarada/Para a colheita/Chega

à roça ao Sol nascer [...] E trabalha todo dia [...] A vida inteira no mato [...] Ele passa o ano inteiro/Trabalhando [...]”. A poetisa deixa claro a forma como a mão-de-obra do negro é explorada, todos os dias, desde antes de o sol nascer. O ano todo. A vida toda. No fim, “termina na pobreza”, como ela mesmo fala.

Não sendo o bastante a jornada extenuante a que são submetidos, com remunerações indignas, outros fatores tornam a vida do colono cada vez mais dura: a má alimentação e a inexistência de locais próprios para o descanso e residência. Em seu poema, Carolina afirma que o colono trabalha de forma exaustiva, “Suando para comer/Só feijão com farinha” (Jesus, 1996, p. 147).

Mesmo após um longo dia de trabalho, é negado ainda ao colono o direito de ter um local adequado para seu descanso e moradia. Carolina (1996, p. 149) afirma “Se o fazendeiro falar/Não fique na minha fazenda/Colono tem que mudar”. O direito à posse, nesse cenário, representa uma ameaça ao opressor que teme “dar” poder ao oprimido e este rebelar-se. Em virtude disso, é negado ao colono qualquer forma de construção de patrimônio, seja pela intensa exploração de sua mão-de-obra em contrapartida à remuneração inadequada, seja em decorrência do temor de revolta do colono pela opressão sofrida. De qualquer modo, é evidente como pensamentos colonialistas ainda permeiam as relações sociais, estratificando a sociedade, posicionando o negro sempre em uma situação de suablternidade.

Nesse cenário, a presença do negro reveste-se de uma perspectiva dicotômica, onde, ao passo que sua mão-de-obra é desejada para fins econômicos, o seu corpo, após explorado, pode e deve ser facilmente descartado pela branquitude. Essa perspectiva é muito bem trabalhada por Carolina de Jesus no poema ora em comento, no qual a poetisa apresenta a figura do colono sendo explorado e descartado no fim de sua vida, tendo sido o seu único propósito “enriquece[r] o patrão” (Jesus, 1996, p. 149).

Após abordar o modo como o negro é tratado, a poetisa elenca ainda as consequências decorrentes da acentuação da desigualdade social e segregação racial. Submetido a uma vida de trabalho extenuante e em condições adversas, é negado ao colono a oportunidade de uma vida digna. Para exemplificar, Carolina de Jesus aborda a questão da educação, quando afirma “O colono quer estudar/Admira a sapiência do patrão/Mas é um escravo, tem que estacionar/Não pode dar margem à vocação” (Jesus, 1996, p. 149).

A própria Carolina foi vítima daquilo que relatou em seu poema. Em virtude de condições financeiras, teve que se afastar da escola ainda na adolescência para trabalhar em fazendas, com sua mãe e seu padrasto. Segundo Tom Farias (2018), Carolina até gostava do

trabalho no campo e da simplicidade que aquela vida lhe proporcionava, contudo, o maltrato proferido pelos donos das terras fez com que traumas fossem desenvolvidos pela escritora.

Nesse cenário, a partir da leitura e análise do poema ora em comento, extrai-se a relevância de abordar a forma como o negro foi e é tratado dentro de uma sociedade desigual. Cenas como as narradas por Carolina de Jesus em seu poema, ainda se mostram como realidade e a denúncia feita pela poetisa promove uma reflexão de como a subjetividade, os direitos e a identidade do negro é suprimida em decorrência de sistemas de opressão que, mesmo após o fim do colonialismo e da escravização, ainda se mostram presentes na atualidade.

Kilomba (2019, p. 51) destaca que “o fato é que [as] vozes [negras], graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido”. Apesar disso, mesmo em situações adversas, Carolina de Jesus conseguiu romper com a invisibilidade a que estava submetida, para então denunciar a situação do negro, e se tornar uma porta-voz de grupos subalternizados.

## Conclusão

Ante o exposto, é incontroverso como a escrita produzida por Carolina Maria de Jesus auxilia na desconstrução do pensamento colonial, ao passo que reconstrói a subjetividade negra, ao abordar, com base em suas próprias experiências de vida, o modo como o negro foi e é tratado em uma sociedade pautada no racismo e na desigualdade.

Demonstrou-se que, por meio de *O colono e o fazendeiro*, Carolina de Jesus se utiliza da oralidade, de recursos memorialísticos e de suas experiências para apresentar uma perspectiva decolonial que se opõe à tradição da exploração do homem pelo homem, evidenciando o local da exclusão do negro e objetivando o rompimento de narrativas exploratórias.

Nesse sentido, a escrita e a literatura continuam figurando como importantes ferramentas para a desconstrução de pensamentos coloniais e a reconstrução de uma sociedade menos desigual, que enxerga o negro como um sujeito plural.

## Referências

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novaes de Mata. **Muito bem, Carolina!:** Biografia de Carolina Maria de Jesus. Editor: Fernando Pedro da Silva. - Belo Horizonte. C / Arte, 2007.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In *Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes*. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020a.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. – Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FERREIRA, Amanda Crispim. **A poesia de Carolina Maria de Jesus** : um estudo de seu projeto estético, de suas temáticas e de sua natureza quilombola. - Rio de Janeiro, RJ : Malê Edições, 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal**. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - episódios de racismo cotidiano. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo** : documentos de uma militância pan-africanista; com prefácio de Kabengele Munanga ; e texto de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. - 3. ed. rev. - São Paulo : Editora Perspectiva ; Rio de Janeiro : Ipeafro, 2019.